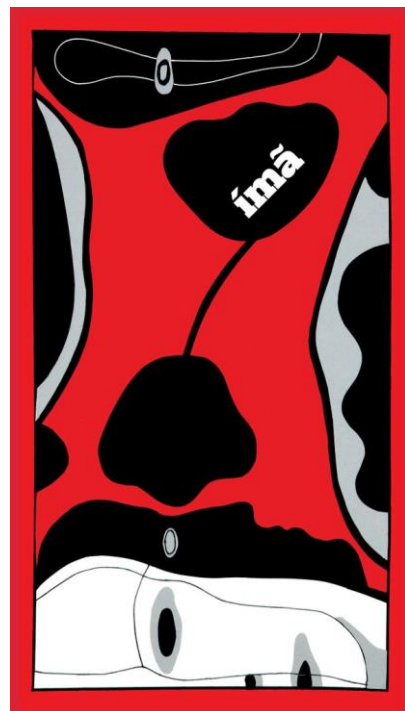


MEDEIROS, Sandra (Ed.). *Ímã*, Vitória,
Rio de Janeiro, n. 6, 2020.

Raimundo Carvalho*



Depois de um longo intervalo temporal, a revista *Ímã* está de volta. Tendo começado suas atividades no meado dos anos 80, a *Ímã* se constituiu numa presença necessária e sempre aguardada no meio literário. Muitos e de variados estilos foram os autores por ela publicados e

* Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

divulgados, como, por exemplo, José Paulo Paes, Paulo Leminski, Waldo Motta, Antônio Cícero, Haroldo de Campos, dentre outros poetas celebrados.

Do número em tela, ressaltamos, de imediato, o extremo cuidado gráfico. A revista se apresenta em trajes de gala. Trata-se mesmo de um objeto de composição rica e complexa: Um envelope vermelho com um selo reproduzindo um pequeno detalhe da xilogravura da capa, "Tulipa negra", de Rubem Grilo. A capa, também em vermelho, com figuras em branco, cinza e preto, representando, na parte inferior, dois rostos humanos, um de frente, outro de perfil, seguido de duas figuras de flores simétricas, verticalmente unidas por uma linha. Dentro de uma delas, a de cima, vem o nome da revista. A imagem da capa se completa numa espécie de moldura composta de formas orgânicas, que evocam tanto figuras humanas como as linhas sinuosas de uma praia ou montanhas, o que, de certa forma, condiz com a territorialidade e abrangência da revista. A *Ímã* é um produto híbrido, carioca e capixaba, com breve diálogo com os mineiros, que o próprio índice faz questão de salientar ao dispor a sigla da unidade da federação logo após o nome de cada autor.

No interior da revista alternam-se, em páginas brancas e pretas, os nomes e os textos dos autores, numa elegância tipográfica de encher os olhos, concorrendo sobremaneira para o prazer da leitura. As vinhetas de Rubem Grilo complementam essa orgia da forma, dando ao todo dignidade estética, porque evoca um mundo em construção, um universo em via de existir, na véspera de ser, no instante anterior à eclosão do poema. A revista se desdobra ainda num encarte em papel transparente jade. É como se os poemas ali dispostos tivessem sido encontrados no fundo do mar e ali deixados, intactos, para melhor serem lidos e apreciados.

A revista se abre com um poema inédito "Miragem" de Carlos Drummond de Andrade, de 1955, dedicado a Olga Savary, que também comparece neste número com dois poemas. O poema de Drummond é de uma beleza ímpar, constituído de quatro tercinas e um verso de fecho, em decassílabos heroicos e

rimas alternadas, à maneira de Dante, e o que poderia ser apenas um texto de ocasião, um poema-cantada, de um poeta maduro e consagrado a uma jovem promissora, que, certamente, o procurara, como tantas outras, para dele obter conselhos literários, se transfigura numa pequenina joia, com sutis reminiscências poéticas da Beatriz do bardo florentino, que vale a pena transcrever, agora como uma homenagem póstuma a essa importante poeta e tradutora, recentemente desaparecida, aos 86 anos, vítima da covid-19:

Miragem

Para Olga Savary

Chegou, impresentida e silenciosa,
com uma saudade eslava nos cabelos
e um ritmo de crepúsculo ou rosa.

Os olhos eram suaves, e eis que ao vê-los,
outra paisagem, fluida, na distância,
sugeriu doçuras e desvelos.

No coração, agora já sem ânsia,
paira a serenidade comovida
que lembra os puros cânticos da infância.

Logo depois se foi, mas refletida
nesse espelho interior, onde as imagens
se libertam do tempo, além da vida,

Olenka permanece, entre miragens

(Rio de Janeiro, 1955)

Após essa entrada triunfal, Armando Freitas Filho comparece com dois poemas, seguidos do soneto, primoroso e de tom coloquialíssimo, "E se eu disser", de Ivan Junqueira, que reverbera muito bem a atmosfera do poema drummondiano, pela leveza da linguagem e pela delicada abordagem da temática amorosa. A revista apresenta também poemas de Guilherme Mansur, Kátia Bento, Lino Machado, Janice Caiafa, Fernanda Nali, além do texto em prosa de Reinaldo Santos Neves, "Rumpelstiltskin", que perfaz com os poemas de Drummond e Junqueira uma espécie de tríade erótica, entendendo aqui o erotismo como a atividade mental preferida dos amantes, como forma de lidar com os sentimentos que suscitam a presença e a ausência do objeto do afeto.

O volume se encerra com dois poemas da editora Sandra Medeiros, que, independentemente da inegável qualidade literária deles, são muitos significativos para se entenderem os princípios que regem a fatura da revista, tanto do ponto de vista plástico-tipográfico, quanto da escolha dos poemas e poetas. Compõem o encarte o poema "A pulga" de John Donne, na tradução de Paulo Vizioli, e dois poemas de temática religiosa, um de Gregório de Mattos e outro de Juan Gelman, em tradução da própria Sandra Medeiros.

Enfim, eis aí mais um número da revista *Ímã* para ser saboreado com vagar, poema a poema, página a página, como se cada uma fosse uma obra de arte visual, para deleite dos olhos e alimento para a alma.

Recebida em: 12 de março de 2021.
Aprovada em: 23 de março de 2021.